

A ORIGEM GASTRONOMICA DO OESTE PARANAENSE E SUA REPRESENTAÇÃO TERRITORIAL E CULTURAL

Marcela Sobreira Sepúlveda Almendra

Raphael Miranda Medeiros Cruz

Paola Stefanutti

Thiago Henrique Lopes

RESUMO: No desenvolvimento da origem gastronômica do território do oeste paranaense descobriu que o principal sujeito foi o índio guarani que, em virtude da colonização sofrida pelos conquistadores ibéricos e conseqüentemente o refugio dos padres jesuítas, transformaram seu universo em missionário. Culturas e adaptações sociais e principalmente a formação do território desenharam a cultura alimentar dos dias atuais. Este artigo faz uma abordagem das territorialidades geográficas das principais cidades do oeste paranaense, e apresenta a relação do hibridismo cultural sofrido no decorrer da historia, e mostra a importância das relações entre os sujeitos envolvidos nos conflitos sociais e nas migrações, hora por necessidade de sobrevivência ou por motivos econômicos. Frente à complexidade que envolve a geografia cultural este trabalho caminha do empírico apresentado pelas festividades municipais ao breve relato na bibliografia especifica, chegando a atualidade da origem gastronômica e sua representatividade do território do oeste paranaense.

Palavras-chave: Geografia; Cultura; Gastronomia.

ABSTRACT: In the development of gastronomic origin of Paraná western territory found that the main subject was the Guarani Indian, because of colonization suffered by the Iberian conquistadors and therefore the refuge of the Jesuit priests, transformed their universe missionary. Cultures and social changes and especially the formation of the territory designed the food culture of today. This article is an approach of geographical territoriality of the major cities of Paraná west and shows the relationship of cultural hybridity suffered in the course of history, and shows the importance of relations between the subjects involved in social conflicts and migration time by necessity of survival or for economic reasons. Considering the complexity that involves cultural geography this work walks the empirical presented by local festivities to the brief account in the bibliography specifics, reaching today's gastronomic origin and its representation of Paraná western territory.

Keywords: Geography; Culture; Gastronomy.

INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta de uma pesquisa teórica bibliográfica e empírica que possibilita a compreensão cultural e territorial da gastronomia do Oeste Paranaense. Este relaciona a influencia desde os primeiros habitantes, o povo Guarani e a relação de influencia da cultura missioneira no universo transfronteiriço

as mudanças de poder e dominações territoriais que perpassa pela chegada de imigrantes externos e internos a esta região.

A identidade cultural gastronômica de um determinado grupo social está essencialmente vinculada à memória deste, e suas lembranças, proveniente do seu contexto e acontecimentos histórico-geográficos.

O objetivo é discutir a origem cultural da gastronomia e sua interferência sobre a ótica da relação da territorialidade migratória e a construção da sua representatividade no Oeste Paranaense. Relacionar as missões jesuíticas na formação do território e a influência cultural sofrida pelo índio guarani. Identifica os conflitos sociais pelo poder em relação ao território entre Portugal e Espanha na tentativa de dominação e colonização da América Latina. Demonstra a relação de subsistência do índio em relação a alimentação e colaboração com a natureza como forma de sociedade socialista e igualitária.

Com base na diversidade cultural do território e as interferências sociais esta pesquisa justifica-se pelos elementos históricos relacionados à geografia cultural, diagnosticada na gastronomia que perpassa as fronteiras do território entre o oeste paranaense e sua fixação migratória apresentada nas relações humanas de poder e formação do atual território.

A área cultural em estudo e sua localização abrangem a soma de conhecimentos geográficos, a determinação exata do oeste paranaense fundamentada pelo estudo geográfico. Consequentemente o primeiro passo essencial da geografia cultural foi uma investigação sobre a distribuição passada e presente de características da cultura, que constituiu sua territorialidade (CORRÊA, ROSENDAHL, 2010).

A sociedade guarani entra na história no momento que entra o Estado colonial espanhol, aborda em conjuntos documentais, a literatura da conquista, cobre grosso modo o século XVII, mas é na missioneira nas fontes eclesiástica jesuíta em especial, que conseguimos definir e descrever o povo guarani, como grandes migrantes, guerreiros, agricultores e antropófagos, determinando as principais características na visão histórica do espanhol. A cultura missioneira no universo transfronteiriço (MELIA, In CURY e SCHARLLENBERGER, 2013).

Os primeiros contatos dos guaranis com os conquistadores espanhóis deveram-se na expedição e conquista para alcançar a terra da Prata, por terra e navegando pelos rios Paraguai, Pilcomayo, Bermejo e Paraná, chamados pelo nome comum de rio da Plata, não podiam realizar as expedições sem alianças de mutua ajuda com as parcialidades guaranis. Os espanhóis em busca de ouro, prata e tesouros e os guaranis em busca do caminho para alcançar uma terra sem mal, e necessitados de ajuda contra as tribos indígenas inimigas. A Bibliografia aponta em verdadeiros enfrentamentos, alianças e principalmente a necessidade de sobreviver. Referencias desde, Diaz de Solís, Alejo, Diego Garcia, Sebastian Caboto, Pedro de Mendoza, Ayolas, Irala e Alvar Nuñez Cabeza de Vaca; todos receberam ajuda guaranis como guias, índios de reforço militar e principalmente alimentação.

A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO E A DISPUTA PELO PODER DAS FRONTEIRAS ATUAIS

As relações de poder têm sido efetivadas historicamente, em consonância com as características de cada sociedade. Envolve relações materiais tanto geopolíticas como econômicas e culturais. O território é um compartimento do espaço como fruto de sua diversificação e organização, serve de abrigo, como forma de segurança e serve como trampolim para as oportunidades geradas pelos grupos sociais. Segurança e oportunidade requerem uma organização interna bem como as relações externa de poder e dominação (SAQUET, 2013).

Ao analisar as disputas territoriais pelo domínio sul-americano no período colonial entre Portugal e Espanha se destacaram tratados que abordam este contexto, se insere elementos fundamentais como os nativos que inicialmente já ocupavam o território, os padres da Companhia de Jesus, com a clara intenção de expansão da fé cristã, formaram com o índio em especial o guarani uma sociedade altamente desenvolvida e organizada.

Em 1492 foi assinada a Bula Inter Coetera pelo Papa Alexandre VI, a qual não dava acesso a porção continental da América do Sul a Portugal. Com o objetivo de acalmar os ânimos surge o Tratado de Tordesilhas (1494) entre Portugal e Espanha, visto que as 370 léguas para oeste pertencente a Portugal, identificada por

uma linha imaginária nem sempre foi respeitada ocasionando freqüentes movimentos desterritorializações e confrontos sociais.

Entre 1580 e 1640 ocorreu a união da coroa Ibérica, acalmando os ânimos, e a diminuição da disputa territorial entre os dois países. Coube ao jesuíta a inserção das reduções, com intuito de reduzir os autóctones a fé cristã. Conforme enfatiza Santos (2006), as disputas voltaram a se intensificar com a fundação da Colônia de Sacramento por Portugal em 1680. Localizada estrategicamente na margem esquerda do rio da Prata de frente para Buenos Aires, na tentativa de controlar tudo que escoava na bacia Platina.

Percebe-se que a zona fronteira da região platina, esteve sempre envolvida em várias fronteiras político-administrativa, devido às grandes disputas ibéricas principalmente pelo controle da bacia do Plata (REICHEL, 1995).

O contrabando português exercido na bacia platina, provocou grande descontentamento na coroa espanhola, e levou a necessidade de formular um novo tratado. Surge a necessidade de regularizar a situação territorial e econômica, quando constitui em 1750 o tratado de Madri. A principal proposta do tratado era a troca dos sete povos das Missões de domínio espanhol, pela Colônia de Sacramento de domínio português, na tentativa de acabar com mais de 50 anos de frequentes assaltos portugueses (BELLOTO, 1995).

A consequência do tratado de Madri foi devastadora para o índio, desencadeou-se a Guerra Guaranítica, os ibéricos-portugueses com grande vantagem bélica obrigaram os poucos guaranis que sobreviveram a deixarem seu território e conseqüentemente obrigados a trabalhos forçados.

Em 1777, formulou-se o tratado de Santo Idelfonso, estabeleceu que Portugal ficaria com a Ilha de Santa Catarina, e a Colônia de Sacramento e os sete povos das Missões passam para o domínio espanhol, surge no contexto os campos Neutrais localizado na linha de fronteira, facilitando as políticas de contrabando exercida pelos portugueses. A região dos sete povos voltaria a domínio português, afirma Flores (1986), após a decadência da região, os desbravadores portugueses reconquistam o território, dando à origem a província das Missões. Em 1801 foram definitivamente solucionados os confrontos pelas terras com a assinatura do Tratado de Badajós entre Portugal e Espanha que daria ao Brasil o atual território, ficando

Sacramento com a Espanha e definitivamente os Sete Povos das Missões com o Brasil.

ALIMENTAÇÃO GUARANI E RECURSOS NATURAIS NA GEOGRAFIA CULTURAL

A geografia cultural, como todas as subdivisões da geografia, deve estar ligada a terra. Os aspectos da terra, em particular aqueles produzidos ou modificados pela ação humana. Uma comunidade de pessoas que compartilha uma cultura comum pode existir encravada numa aldeia isolada, ou sobre um vasto território dentro do qual, pessoas, objetos e ideias circulam livre e continuamente (CORRÊA, ROSENDAHL, 2010).

Alimentar-se, beber e comer: não há terreno de análise mais fascinante para o geógrafo. As relações ecológicas dos homens com seu ambiente exprimem-se diretamente nos consumos alimentares: os grãos, os legumes, as frutas, a carne e os laticínios vêm de terras cultivadas ou de pastagens; a colheita e certas plantas utilizadas para aromatizar a cozinha; o peixe e a caça resultam da apropriação efetuada da fauna natural (CLAVAL, 1995, p. 255).

A terra indígena guaraníca era muito fértil, existiam muitos produtos naturais, vegetais e animais, cultivavam diversos alimentos complementários e dominavam certos princípios para assegurar a alimentação. As populações guaranis anteriores ao estabelecimento dos povos missioneiros consistiam em grupos pequenos porque como sempre semeavam em montes e queriam estar em poucos para não esgotar com suas previsões de caça e pesca preestabelecidos. O índio guarani tinha uma boa noção sobre o significado de recursos e necessidades, não se importava as críticas inclusas dos missioneiros, por não serem capazes de fazer previsões para o ano inteiro (PALACIOS y ZOFFOLI, 1991, p. 295).

As tribos trabalhadoras em suas condições originais conseguiam a subsistência graças ao esforço coletivo de toda a comunidade, ordenando o trabalho, e a distribuição, segundo o sistema social. Cada aldeia utilizava extensos terrenos de cultivos, que, através do trabalho cotidiano das mulheres e da caça e

pesca, a cargo dos homens, garantiam abundantes alimentos durante todo o ano (RIBEIRO, 1982).

Esses recursos naturais, vegetais e de caça e pesca, mas o que obtinham na atividade agrícola dos cultivos, faz pensar que, em condições normais, sua necessidade nutricional básica estava coberta. Seu conhecimento empírico, fruto da experiência, sobre os fenômenos da natureza, orientados principalmente pelos pajés e caciques, seguramente os permita compensar os inconvenientes criados pelas inundações, secas e pragas. A alimentação do índio guarani predominava alimentos de origem vegetal sobre os de origem animal. Em contrário a outros grupos indígenas o guarani era muito mais sedentário que nômade o que facilitava a adaptação ecológica. Alimentos que figuram com maior frequência pela informação procedente de conquistadores, cronistas, missioneiros, historiadores e antropólogos: Abacaxi, arroz silvestre, banana (pré-colombiana), batata, abobora, caju, coco, frutas silvestres, feijões (americanos), limão, milho, amendoim, mandioca, maracujá, mel, laranja, palmito, pinhão, pimentões, e produtos de caça e pesca (PALACIOS y ZOFFOLI, 1991).

Os produtos que a natureza oferece espontaneamente são, na maior parte dos casos, impróprios para o consumo. O homem imaginou então uma gama variada de técnicas para produzir abundantemente os gêneros que pudesse ingerir, e transformá-los em apetitosos. A alimentação e as estruturas da sociedade.

Os resultados são frequentemente surpreendentes: nada dizia aparentemente que a raiz da mandioca deveria se tornar uma das maiores bases da alimentação humana. A fécula daí retirada é tóxica por causa do ácido cianídrico que contem. Este é eliminado por diversas manipulações maceração e logo cozimento na África, compressão da massa para expulsar o líquido na América. A distância entre o produto bruto, perigoso, e o recurso alimentar essencial que se tornou tão surpreendente (CLAVAL, 1995, p. 255).

O câmbio cultural para o guarani com a incorporação definitiva dos missioneiros alterou principalmente seus hábitos alimentares, proporcionando quadros patológicos e principalmente problemas gastrointestinais sobre todo no período inicial de adaptação. Os mecanismos que regulam o processo nutricional são completos e intervêm na quantidade e na qualidade adequada dos alimentos,

entram em jogo elementos culturais relacionado com a aceitação e recusa, das relações as tradições e costumes do corpo humano em questão. Outra relação importante observada pelo colonizador espanhol foi o fenômeno biológico, sobre a alta idade alcançada pelo índio guarani, desde a existência dos conselhos de anciãos presentes em todas as comunidades indígenas, proveniente da alta quantidade de velhos indígenas, este fator está estritamente relacionado com o estilo de vida do indígena e principalmente com a qualidade da alimentação desempenhada.

A chamada falta de resistência do índio guarani ao trabalho (encomendas espanhola e plantações portuguesas) faz pensar que a escassez alimentar, as doenças importada da Europa e principalmente os trabalhos que separavam as famílias da suas comunidades, algumas vezes em caráter definitivo. Esse somado as crenças religiosas e sociais, provavelmente conduziu o diagnóstico da boa saúde do índio guarani pré-colombiano em sua área e localização original (PALACIOS y ZOFFOLI, 1991).

Aqueles que estão no topo da pirâmide social, que dispõe do poder, são influentes ou desfrutam de grandes rendas, escapam habitualmente da fome, da falta de coisas necessárias dos períodos de penúria, a abundância acrescenta-se a qualidade, variedade e o exotismo dos produtos consumidos. Certos alimentos são marcados por tabus e proibições. Por razões religiosas e com objetivo de se preservar de possíveis poluições, há produtos proibidos ou que não podem ser consumidos a não ser que sejam preparados conforme os ritos. Viveres e bebidas desempenham, assim um papel essencial na hierarquização das formas da sociedade e na abertura ou na recusa de contatos dos grupos humanos. Em uma época de proibições religiosas, a multiplicação de proibições novas, em nome da higiene ou da ecologia, marca a emergência de novas religiões muito rudimentares no sentido que de que sua força baseia-se mais no respeito a proibições rituais do que na interiorização das regras éticas (CLAVAL, 1995).

As primeiras atividades missionárias foram realizadas por franciscanos com características volantes, coincidindo com o sistema de encomendas dos colonos espanhóis. Surge um confronto ideológico na tentativa de assegurar a mão de obra indígena. Em 1595 os Jesuítas concluem a construção da casa de religiosos, um

colégio e uma igreja em Assunção assumindo a postura em defesa do indígena guarani. Em 1604 P. Marcial de Lorenzana foi expulso do púlpito da Catedral de Assunção por exigir que fosse libertado centenas de índios capturados que iam ser distribuídos entre as encomendas espanholas. Pouco depois em 1609 foi o responsável de fundar a primeira missão jesuítica com características fixas, San Ignacio de Guazu (PALACIOS y ZOFFOLI, 1991, p. 43-44).

MISSÕES JESUÍTICAS SITUAÇÃO, TERRITORIALIDADE E PODER

A relação de poder tem sido efetivada historicamente, em consonância com características de cada sociedade. Envolve relações materiais tanto geopolíticas como econômica e culturalmente. Em sua consistente reflexão, território é um compartimento do espaço como fruto de sua diversificação e organização, ele tem duas funções principais; servir de abrigo como forma de segurança, e servir como trampolim para oportunidades. Segurança e oportunidade requerem uma organização interna do território bem como as relações externas, de poder e dominação. Assim o território assume distintos significados para a sociedade guarani e principalmente pelo grupo missioneiro que a domina (GOTTMANN, 1973).

Os 30 povos jesuíticos do Paraguai abarcaram um vasto território, que compreendia a atual área do território paraguaio, demarcada entre os rios Tebicuary e Paraná, a atual província de Misiones na Argentina, a antiga província de Guairá parte do estado paranaense e a margem esquerda do rio Uruguai no atual estado do Rio Grande do sul.

Em 1609 foi fundada a primeira missão jesuíta chamada de San Ignacio Guazú, localizada a 225 Km de Assunção é conhecida como a capital do Barroco Hispano-Guarani as abundantes observações contidas nessa primeira documentação permitiram reconstruir em grande parte, o modo de vida do guarani reduzido. Por volta de 1610, foram fundadas as primeiras reduções na província de Guayrá: Loreto e a de Santo Inácio, às margens do Rio Paranapanema, no atual estado do Paraná. Em seguida surgiram outras e no ano de 1628, treze delas agregavam mais de 100 mil índios paranaenses (MENEZES, 2008).

Cada missão jesuítica levantava-se em torno de uma praça maior, enaltecendo a estátua do Santo Padroeiro da redução, forte demonstração de poder, frente esta mesma praça alçava a casa dos padres, o templo, o cemitério, a casa dos órfãos, as famílias e dos solteiros. Os jesuítas ensinaram os índios a organização da família Cristiana, iniciou o conhecimento da fé Católica, o espírito de cooperativismo e a ser previsores. Com o tempo os jesuítas chegaram a ter magníficas estâncias e grandes criações de gado, rico cultivos e seguindo a potencialidade da economia local grande exploração da erva mate.

As preocupações nas reduções jesuíticas estiveram não somente na construção em si, mas no estabelecimento das chácaras e administração do cultivo rotativo de milho, legumes, frutas e algodão para que não faltassem alimentação e vestimenta aos índios. A criação de galinhas, porcos e pombas e a construção de açudes para o cultivo do pescado eram estrategicamente definidas, não só para o suprimento de proteínas, mas também para privar o índio de deslocamentos para fora das reduções em função da caça e pesca, segundo aponta (SCHARLLENBERGER, 2006, p. 66).

Precisamente o padre Ruiz Montoya construiu uma verdadeira marca hispânica contra os avanços portugueses e brasileiros, defendendo o Guairá dos insistentes ataques que avançavam na busca de índios para vendê-los como escravos. Formalizou-se o primeiro conflito social fronteiriço entre os bandeirantes paulistas e jesuítas assegurando o rompimento e avançou para o Oeste a linha do Tratado de Tordesilhas. Os jesuítas estavam subordinados aos reis de Espanha, e os bandeirantes, submetidos às leis de Portugal (WACHOWICZ, 2002).

Os guaranis cobiçados pelos portugueses cumpriam todos os requisitos desejáveis ao bandeirante, eram agricultores, e necessitavam de mão de obra para trabalhar nas plantações de cana de açúcar, no tear de lã e de algodão, além de outros cultivos (OLIVEIRA, 2004).

Em 1768, com a expulsão dos Jesuítas dos Trinta Povos Missioneiros Guaranis, culminou com o maior projeto impactante, de prestígio e polémica da história missioneira da sociedade Cristã da América espanhola. Uma heroica tarefa em benefício dos índios, na tentativa de levar a fé cristã e civilização a mais de 150.000 nativos, assim o povo guarani ficaram desamparados a mercê dos

bandeirantes e encomendeiros. Pode-se que sobre o mesmo acidente histórico não teve uma uniformidade de critérios jurídicos, entretanto a maioria dos historiadores reconhecem que a expulsão dos jesuítas foi uma medida desproporcionada que estava relacionada com ambições individuais e seguramente com a participação de países inimigos a Espanha (PALACIOS y ZOFFOLI, 1991, p. 384-385).

MIGRAÇÃO, DESTERRITORIALIZAÇÃO E MOBILIDADE DO OESTE PARANAENSE

Às vezes temos a impressão de que o caráter simbólico dos laços comunitários era muito mais forte que o caráter territorial ou de ligação do espaço material. Sendo assim a desterritorialização é um termo para o deslocamento de identidades, pessoas e significados que é endêmico ao sistema do mundo contemporâneo.

A tensão provocada pela desterritorialização e reterritorialização é um dos caminhos mais promissores para entender as entradas e saídas da modernidade. Surge no contexto um terceiro espaço transfronteiriço, um espaço de certa forma fluido, deslizante em constante movimento definido por, Haesbert (2004), como multiterritorialidade. Assim a desterritorialização não pode significar o fim da localidade, mas a transformação em um espaço cultural mais complexo. Um dos fenômenos mais frequentes ligados a desterritorialização diz respeito a crescente mobilidade das pessoas, seja como novos nômades, vagabundos, viajantes, turistas, imigrantes, refugiados ou como exilados.

Um dos discursos coerentes na atualidade é de que grande parte da humanidade participa de processos, às vezes violentos, de desterritorialização. Surge a sociedade de fluxos e mobilidade, o território significando, enraizamento e estabilidade concreto e material, seria substituído pelos fluxos materiais e pelas redes. Neste contexto o migrante representaria o sujeito do movimento e da instabilidade. Cruzando fronteiras disciplinares (HAESBAERT, In PÓVOA, FERREIRA, 2005).

O fenômeno de reterritorialização e mobilidade no oeste paranaense sofrem a influência do governo imperial que vigorou no Brasil (1822-1888) acreditava que as

fronteiras brasileiras estavam bem definidas pelo curso de água do rio Paraná. A partir dos anos de 1850, o Brasil assinou acordos com a Argentina, permitindo o acesso por meio da navegação, às costas paranaenses.

Como resultado desses acordos de direitos de navegação pelo rio Paraná, algumas décadas mais adiante, a exploração de erva-mate e de madeiras, realizadas no norte da Argentina precisamente na região de Corrientes e Misiones, alcançou o Oeste paranaense.

No contexto de formação do território brasileiro, o Estado do Paraná, cujo território pertenceu a província de São Paulo até 1859. Desencadeia a história da ocupação moderna do oeste paranaense e sua referência cultural apresenta-se com balizamento específico que começou a ganhar contornos mais nítidos a partir do século XIX. O acontecimento marcante neste período foi a eclosão da Guerra do Paraguai, (1865-1870). Após o seu término onde lograram vitoriosas tropas militares de Brasil, Argentina e Uruguai, surgiu entre segmentos da oficialidade, que compunham o Ministério da Guerra do Império do Brasil, a ideia de criação de uma Colônia Militar na região Oeste do território paranaense (COLODEL, 1960).

Entende-se por Oeste Paranaense o território compreendido entre os rios Guarani, Iguaçu, Paraná e Piquiri, compreendido entre as microrregiões de Toledo, Foz do Iguaçu e Cascavel (IBGE, 2016).

A partir de 1881, são detectadas as primeiras penetrações dessa frente extrativa no extremo oeste do Paraná, ou seja, na margem esquerda do rio Paraná. O argentino adquiria uma propriedade ou obtinha uma concessão do governo paranaense a preços baixíssimos, ou mesmo sem documentação alguma, como a maioria, e iniciava a penetração no Oeste do Paraná (WACHOWICZ, 2002, p. 45).

No final do século XIX, estava implantado nas terras do Oeste paranaense o sistema de Obrages, que se caracterizava pela exploração da erva-mate e da madeira, presente nas matas subtropicais, do território argentino e paraguaio. As obrages instaladas no oeste paranaense eram de capitais argentinos e ingleses; utilizavam mão-de-obra paraguaia de origem guarani para o trabalho braçal, em regime de semi-escravidão; exploravam a extração da erva-mate e da madeira.

Diante dessa conjuntura, isolada do restante do território paranaense a colona militar de Foz do rio Iguaçu, se fez necessária na ocupação do território,

passou por dois intentos, a primeira com apenas 14 homens em 1888 e a segunda um pouco melhor estruturada em 1889, também viveu nos primeiros anos momentos difíceis, proveniente da falta de comunicação com Guarapuava. A vida econômica política e social da Colônia passaram gerar em torno dos interesses argentinos, que dominavam o universo comercial da região, e controlavam inteiramente o comércio pelo rio Paraná, passaram a fornecer gêneros alimentícios para a Colônia cobrando altos preços e câmbio desfavorável para os militares (COLODEL, 1992).

Mesmo em ritmo lento, os trabalhadores do núcleo urbano prosseguiram. A pouca ajuda enviada do governo federal, resultou em um modesto alojamento para a diretoria da Colônia, ergueu-se uma farmácia, a casa do médico, um depósito de gêneros, o quartel, uma carpintaria e mais alguns casebres. Paralelamente iniciou-se o cultivo de milho, feijão, mandioca, banana, cana de açúcar e café em inexpressiva quantidade. Aparecem também os primeiros engenhos de erva mate, farinha de mandioca, açúcar, cachaça e de farinha de milho. A demarcação dos lotes rurais urbanos prosseguia normalmente, sendo que no ano de 1905, a população da colônia era composta de 58 famílias (COLODEL, 1992).

Até década de 1920, o Oeste paranaense era uma região pouco habitada e estava a mercê dos argentinos e paraguaios. Falava-se pouco a língua portuguesa e circulava como moeda o peso argentino. As *obrages* justificavam a existência de mais de dez mil habitantes no Oeste paranaense na década de 1930, a maioria de origem platina. Era uma região de difícil acesso, onde a penetração realizava-se apenas por meio do rio Paraná, da estrada de ferro Guaíra-Porto Mendes e da 'estrada' que levava de Guarapuava a Foz do Iguaçu (COLODEL, 1992). No entanto, os meios de transporte eram todos controlados pela Argentina e pela Companhia Mate Laranjeira, de origem paraguaia.

Em 1930, Getúlio Vargas assume a presidência do país, embasado num discurso nacionalista promove a "marcha para oeste", que procurava ocupar áreas do interior do Brasil e suas fronteiras; nacionalizar empresas de capital estrangeiro e promover a industrialização do país. A nova conjuntura brasileira e mundial afetaria e decreta a falência do sistema dominante na região: o das obras. As transformações no cenário mundial geradas pela Primeira e Segunda Guerra

Mundial sinalizariam uma nova etapa histórica da região, esta até então, dominada por capitais estrangeiros. A conjuntura mundial em crise e as incertezas das companhias estrangeiras que operavam no Oeste do Paraná fizeram com que fossem desativados seus empreendimentos, abrindo fabulosos espaços para o investimento de capitais nacionais no pós-Segunda Guerra Mundial (GREGORY, 2002, p. 91-92).

Gregory (2002) descreve que a falência dos sistemas de obrages, entre os anos de 1930 e 1940, abriu espaço para capitalistas provenientes do Rio Grande do Sul, em sua totalidade imigrantes de origem alemã e italiana. Passaram a comprar essas propriedades a baixos preços. O estado vendia suas terras para companhias colonizadoras, para que promovessem a ocupação e reterritorialização. Durante os anos de 1940 foram criadas empresas que dedicaram a exploração de madeira, à mecanização da terra, ao comércio e a indústria, com surgimento de empresas cooperativas e principalmente difundindo sua identidade cultural.

HIBRIDISMO CULTURAL E GASTRONOMIA DOS IMIGRANTES NO OESTE PARANAENSE

A identidade cultural de um determinado grupo social está essencialmente vinculada à memória deste, às suas lembranças ou conforme menciona Renan(1997), os aspectos da formação do Estado e Nação, além da memória, também há o esquecimento proposital, sendo que para a formação de uma sociedade é vantajoso saber esquecer. Esquecer as diferenças e ressaltar as razões que fazem o grupo estar em unidade. Este é um fator condicionante da relação indivíduo-sociedade, pois é através dela que o indivíduo se adapta e reconhece um ambiente como seu.

Na formação da identidade de um grupo social, a memória social tem um papel fundamental, pois o passado compartilhado por seus membros influencia a imagem que o grupo tem dele mesmo no presente. Diversos pontos de referência (belezas naturais, peculiaridades da região, monumentos, paisagens, histórias, lendas, personagens, souvenirs, datas históricas, tradições, costumes e alimentação) inserem a memória individual na coletiva, o que envolve um processo

de seleção e negociação para que haja o máximo de pontos de contato construídos sobre uma base comum, fundamentando e reforçando o sentimento de pertencimento e as fronteiras socioculturais, gerando coesão pela adesão afetiva e não pela coerção. São estes os elementos que, uma vez codificados como símbolos, servem como construção de uma referência cultural.

A região fronteiriça do Oeste paranaense, ainda é destaque no cenário nacional e internacional do turismo, em destaque as Cataratas do Iguaçu um conjunto de 250 quedas de água no rio Iguaçu, localizada entre o Parque Nacional do Iguaçu, Paraná, no Brasil, e o Parque Nacional Iguazú em Misiones, na Argentina, ficando entre as regiões mais visitadas por turistas estrangeiros. Porém o turista de lazer busca em suas viagens, aspectos regionais, tais como belezas naturais, peculiaridades da região, paisagens, histórias, pontos turísticos, souvenir e a gastronomia local. E neste último quesito, o oeste em desenvolvimento e com enormes possibilidades necessita de um reconhecimento e um estudo de seu inventário culinário na sua representatividade cultural.

No aspecto histórico-cultural o sudoeste e todas as cidades do oeste paranaense, seguiram a tradição dos guaranis e jesuítas, alimentavam da comida missioneira, numa rara mescla gastronômica guaraníca e castelhana, repassado e conduzido pelas índias que aprenderam com os missioneiros. No entanto é neste ponto da história da que gastronomia missioneira original do território Iguaçu, enfrenta seu primeiro hibridismo cultural na continuidade de sua originalidade, porque as receitas e conhecimentos que neste momento era de domínio das índias, repassadas pelos jesuítas espanhóis, foram dizimados pelos bandeirantes portugueses e conseqüentemente perdidos. Com a destruição das reduções, poucos índios que conseguiram fugir e, quando, regressaram sem plantações e sementes e principalmente sem o subsídio dos espanhóis, e principalmente sem as receitas ensinadas as mulheres, mesmo assim, a permanência foi mantida através da cozinha de memória. Dando lugar às caldeiradas ao estilo medieval, com os cozidos sendo feitos lentamente em panelas de ferro, leitões recheados assados, carneiros servido com legumes e vegetais, substanciais caldos e sopas servidas em pão caseiro.

É que com o declínio das missões houve a influência lusitana face ao avanço das terras em direção ao segundo planalto, seguida depois das comidas dos imigrantes europeus instaladas com o ciclo do tropeirismo e do ciclo do café, nos Campos gerais e no Norte Pioneiro (MENEZES, 2008).

O índio possuía a técnica de moquém (ou moquear), que consiste moquear algum tipo de carne ou pescado, envolve-se o alimento em folhas de bananeira ou no próprio barro e são levados ao fogo no calor moderado, por isso as brasas são feitas de galhos secos e gravetos, podem ser usadas para acondicionar a carne sem necessidade de consumo imediato. Influenciaram os tradicionais pratos típicos indígenas que somam na nossa cultura como moquecas de pescado, caldeirada do sul, cozidos, refogados, coelhos e lebres assadas, galinhas e patos recheados de farofa.

O churrasco mal passado e carnes inteiras espetadas em pedaços de pau, provenientes dos galhos das árvores e assados em braseiros sobre a terra, pertence a tradição indígena, como aipins acompanhando peixadas ou na forma de farinha para espessar os caldos e molhos. Os indígenas apresentaram o Pintado, Pacu, Dourado, Curimba, Tucunaré, Piapara e várias outras espécies assadas, dando ênfase ao Pintado e Dourado que atualmente, transformados em pratos típicos regionais.

Pratos denominados fronteirços incrementam o hibridismo culinário entre Paraguai guarani e o oeste paranaense, ressaltando-se a forte influência indígena, insumos como o milho e a mandioca, constroem e fomenta a junção da gastronomia local, exemplos como: a Sopa Paraguaia; torta preparada com fubá, queijo meia cura, cebola, milho verde e manteiga; A Chipa; bolinho assado de polvilho com manteiga e queijo, tradicionalmente no formato de meia lua; Chipa-Guazu; variação da sopa paraguaia que inclui ovos, leite e milho verde, servida quente. O tradicional Reviro; prato típico da região sul do Paraguai e norte da Argentina consumido por brasileiros, substituto do pão matinal, refeição robusta e altamente calórica, composta de bainha suína, farinha de mandioca e ovo, alimentam a história e cultura fronteira da região.

A usina hidrelétrica de Itaipu, localizada no rio Paraná, construída por Brasil e Paraguai entre os anos de 1975 e 1982, estabelece o reservatório na forma de um

grande lago, que possui uma área de 1350 quilômetros quadrados, delimitando uma grande área de fronteira entre os dois países.

Para estimular o desenvolvimento do turismo sustentável, os dezesseis municípios banhados pelo Lago de Itaipu fundaram, em parceria com a Usina Binacional de Itaipu, o Conselho de Desenvolvimento dos Municípios Lindeiros ao Lago de Itaipu.

Os roteiros incluem pontos turísticos variados que colocam o turista em contato com as culturas missioneira, italiana, germânica proveniente da migração gaúcha e reterritorialização entre os anos de 1940 à 1950, com apresentações de canto, dança e artesanatos, além de pratos típicos à base de peixe como pintado na telha, cucas, bolachas e geleias artesanais. Nasce a tradição dos cafés coloniais, se tornou conhecida devido à procura de viajantes e de turistas, que ao chegarem tarde da noite em regiões pouco movimentadas, onde não havia hotéis ou mesmo restaurantes, eram acolhidos pelos colonos. Os moradores destas localidades prontificavam-se a atender os viajantes, com alojamento e refeições, colocando à mesa o que havia de melhor dentro dos costumes germânicos. Típico na região de Missal.

Nos caminhos do lago de Itaipu nos deparamos com Guaíra, de localização privilegiada faz fronteira com o Mato Grosso do Sul e Paraguai, região que em tempos históricos pertenceu inicialmente aos indígenas, sede de Missões Jesuítas, passou pelas mãos dos bandeirantes, somente em 1872 após a guerra do Paraguai, configurou oficialmente em território brasileiro. Em comemoração o seu aniversário, no mês de novembro realiza um concurso gastronômico com forte influência indígena o tradicional Pintado na Telha, e no mês de abril seguindo a tradição cultural, realiza a Festa das Nações, diversas etnias apresentam sua cultura e gastronomia, como portugueses, alemães, italianos, japoneses provenientes do norte cafeeiro paranaense, paraguaios fronteiriços e os árabes, que possuem comércio na cidade paraguaia de Salto del Guairá.

Cidade como e Mercedes, Maripá, Santa Helena, Toledo, entre outras da região, foram colonizada pela empresa Maripá (Empresa Madeireira Colonizadora Rio Paraná de origem ítalo-germana, contribuiu no desenho ocupacional dos municípios do Oeste paranaense. Promove em sua cultura regional os eventos

gastronômicos, temos como exemplos; A Festa do Costelão Recheado, que comemora o aniversário do município de Mercedes. Festa do Chopp, retrato da migração alemã presente em toda região e a Festa do Cupim no Arroio Guaçu, em Toledo temos as festas do Leitão a Sarandi e Xaxim onde resiste a tradição indígena- missioneira-gaucha.

Marechal Candido Rondon, colonizada por imigrantes dos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, descendentes de italianos e alemães, presta reconhecimento ao Marechal do exército brasileiro, Candido Mariano da Silva Rondon. Possui em seus eventos traços marcantes de sua migração: Oktoberfest tradicional festa germânica, tem como atração as comidas típicas como o Eisbier, (joelho de porco), bandas típicas e grupos folclóricos que alimentam sua tradição. E a tradicional Festa Nacional do Boi no Rolete e Expo Rondon, comemora o aniversário do município e serve também para expor os avanços da indústria e comércio da agricultura e agropecuária.

Municípios como Pato Bragato, nome original de um naufrágio argentino, Entre Rios do Oeste, Santa Helena, Missal, Itaipulândia, São Miguel do Iguazu e Terra Roxa, nome de origem italiana, compõem a mesma origem migratória itálico-germana refletida em suas festas populares, Festas com muita carne assada sendo bovina ou suína originária da tradição sulista, e regada com muito Chopp alemão em suas particulares *oktoberfests*. Em destaque para as Festa do Porco à Paraguaia de Missal, evento que acontece no mês de setembro, comemora as tradições gaúchas, com a representação paraguaia em seu prato típico, originário da época da Guerra do Paraguai (1864) introduzido pelas tropas paraguaias. E para a Festa das Tradições, de São Miguel do Iguazu, realizada a cada 2 anos, o município homenageia suas etnias: italiana, alemã e indígena, através de uma vasta programação cultural, artística e gastronômica, com o prato Leitão à Gaúcha, no qual é servido desossado, recheado com farofa de bananas e assado em forno durante 6 horas.

Os municípios de Santa Terezinha e Foz do Iguazu fecham o roteiro da Costa Oeste, Foz do Iguazu é considerada um dos principais pólos do turismo nacional, frente ao mercado internacional, milhares de turistas chegam ao município com intuito de visitar seus atrativos turísticos e conhecer sua mescla de etnias. Sua

cultura gastronômica está representada por esta mescla fronteiriça, pescados na grelha e assados ganharam tradição na cultura gastronômica da cidade, presente nas famosas churrascarias e na cultura popular, servido e acompanhado do pirão de mandioca, moda dos tupi-guaranis. Com a proximidade da Argentina e Paraguai, pratos se dividem e influenciam sua origem, facilmente encontra-se o famoso Bife Choriso e a Sopa paraguaia nos cardápios Iguaçuenses. Através do comércio de Ciudad del Este, fixou-se a colônia árabe e a chinesa, e seus hábitos alimentares e sabores. Surgiu de dentro das casas dos imigrantes e está presente, ganhando espaço nos restaurantes e cardápios da hotelaria local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação política é claramente uma ação cultural sendo a cultura responsável de contribuir a utilidade nos processos de formação do território.

Às vezes temos a impressão de que o caráter simbólico dos laços comunitários era muito mais forte que o caráter territorial ou de ligação do espaço material. Sendo assim a desterritorialização é um termo para o deslocamento de identidades, pessoas e significados que é endêmico ao sistema do mundo contemporâneo.

Assim, a comida é o produto resultante dos hábitos culturais de pessoas, determinado pela região e pelos seus traços étnicos de influência e de formação, representando sua história, seus costumes, crenças e relações que se instauraram. Pode-se determinar a partir da comida ou de um prato que ali se produz e consome no local de sua origem e o seu povo.

Percebe-se que a importância das disputas territoriais entre Espanha e Portugal pelo domínio Sul-Americano, inseriu no contexto histórico pilares fundamentais na construção étnica do território fronteiriço missioneiro, personagens como o guarani, o jesuíta e o bandeirante português, desenharam a multiterritorialidade e deram contornos significativos que perpetuam até a contemporaneidade, constituindo a base da geografia cultural do território em questão.

No caso do oeste paranaense, seu contexto geográfico atravessou por diversas colonizações e ciclos econômicos, desde os indígenas que contribuíram com sua cultura e principalmente com o trato e convívio com a natureza, passando pelos jesuítas espanhóis que contribuíram com suas técnicas gastronômicas e cultura européia, pelos bandeirantes paulistas-portugueses, tropeiros pela sua cultura pecuária, e os diversos ciclos econômicos, como a erva mate, madeira e a agricultura racionalizada pelos imigrantes gaúchos. O resultado foi uma migração vista como um processo em diversos níveis de des-reterritorialização onde migrantes na busca de novas terras reconstruíram e manifestaram sua identidade cultural gastronômica.

O processo de colonização e dominação sobre o índio guarani refletiu no conteúdo da gastronomia presente nos festivais populares dos municípios do oeste paranaense, sobretudo a forte influência italo-germânica sofrida após a reconquista do território após os movimentos de marcha para o oeste de 1930. Onde também se percebe a forte influência paraguaia presente nos traços culturais e fronteiriços, onde esta mobilidade constante desde os povos guaranis é perpetuada e presente até os dias atuais.

BIBLIOGRAFIA

BELLOTO, H.L. (1983) **Anais do V Simpósio Nacional de Estudos Missionários. O Espaço Missionário. O Espaço Missionário e a Geopolítica Missionária.** Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Dom Bosco, Santa Rosa. 59-76.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** Nathan, Paris, 1995.

COLODEL, José Augusto. **Matelândia: História e Contexto.** ASSOESTE, 1992.

GREGORY, V. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: Migrações no Oeste do Paraná (1940-70).** Cascavel: Edunioeste, 2002.

GOTTMANN, Jean. **The Significance of Territory.** Charlottesville: University Press of Virginia, 1973.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Capítulo 2 Organizado por NETO, HELION, PÓVOA e FERREIRA, ADEMIR PACELLI. **Cruzando Fronteiras Disciplinares, Um Panorama de Estudos Migratórios**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

MELIA, BARTOLOMEU. Capítulo 2 Organizado por CURY, Mauro Ferreira; SCHALLENBERGER, Erneldo. **A Cultura Missioneira no Universo Transfronteiriço**. Cascavel: Unioeste, 2013.

MENEZES, Helena Maria. **Pinhão Indígena: Culinária do Paraná**. Curitiba: SENAC, 2008.

PALACIOS, Silvio y EnaZoffoli. **Gloria y Tragédia de las Misiones Guaranies**. Spain: Viscaya, 1991.

RENAN, E. **O Que é a Nação? Plural**. Sociologia, USP, São Paulo, I. Sem.1997. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/04/traducao_1_Plural_4.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2015.

REICHEL, H.J. (1995). **História Geral do Rio Grande do Sul**. Volume 1. Colônia. Fronteiras do Espaço Platino. Passo Fundo: Méritos Editora, p. 43-64.

RIBEIRO, Darcy. **Os Índios e a Civilização**. Petrópolis, 1982.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. **História e Arte Guarani: Interculturalidade e Identidade**. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

SANTO, M.F.E. (2006). **História Geral do Rio Grande do Sul. Volume 1: Colônia. Fundamentos da Incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil e ao Espaço Portugêses**. Passo Fundo: Méritos Editora, p. 23-41.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções sobre Território**. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SCHALLENBERGER, E. **A Integração do Prata no Sistema Colonial. Colonialismo Interno e Missões Jesuíticas do Guairá**. Toledo: Editora Toledo, 1997.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002. Acesso 10 dez. 2015.

IBGE. Disponível em: <www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 21 abr. 2016.